

A black and white close-up portrait of Neil Gaiman. He has long, dark, wavy hair and a full beard. He is looking directly at the camera with a slight, thoughtful expression. The background is a plain, light-colored wall.

NEIL GAIMAN

HISTÓRIAS SELECIONADAS

TRADUÇÃO DE LEONARDO ALVES, AUGUSTO CALIL,
EDMUNDO BARREIROS, FÁBIO BARRETO E RENATA PETTENGILL

NEIL GAIMAN

HISTÓRIAS SELECIONADAS

TRADUÇÃO DE LEONARDO ALVES, AUGUSTO CALIL,
EDMUNDO BARREIROS, FÁBIO BARRETO E RENATA PETTENGILL



Copyright © 2020 by Neil Gaiman
Copyright da apresentação © 2020 by Marlon James
Copyright do prefácio © 2020 by Neil Gaiman
Trecho de *Stardust: O mistério da estrela*, nesta edição traduzida por Leonardo Alves,
utilizado com permissão da editora Rocco.

As páginas 653-655 são uma extensão desta página de créditos.

Não é permitida a exportação desta edição para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL

The Neil Gaiman Reader: Selected Fiction

PREPARAÇÃO

Giu Alonso

REVISÃO

Julia Ribeiro
Marcela Ramos
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Produção e Design Editorial

DESIGN DE CAPA

Henry Sene Yee

IMAGEM DE CAPA

© Ulf Andersen/Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G134n

Gaiman, Neil, 1960-
Neil Gaiman : histórias selecionadas / Neil Gaiman ; tradução Leonardo Alves
... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
656 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Neil Gaiman reader: selected fiction
ISBN 978-85-510-1050-1

1. Ficção inglesa. I. Alves, Leonardo. II. Título.

24-88052

CDD: 823

CDU: 82-3(410)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 - Barra da Tijuca
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

◆ APRESENTAÇÃO ◆

GRAÇAS A NEIL GAIMAN, aranhas agora me deixam paralisado. É realmente uma situação inusitada — digna de um dos livros dele — o fato de que agora, em vez de tentar espantá-las ou esmagá-las, eu fico imóvel e me pergunto se aquela moça de oito patas está prestes a me contar algo que vem tentando dizer desde antes dos navios negreiros. Algo que só agora estou pronto para ouvir. Eu me alongaria nessa explicação, mas aí esta apresentação serviria apenas para um livro, *Os filhos de Anansi*, e esta coletânea é muito, muito mais.

Além do quê, não estou aqui parar falar de aranhas, e sim de Tori Amos. Essa frase já parece um verso de uma música dos anos 1990, e o verso a que me refiro é de 1992, e é dela mesma: *If you need me, me and Neil'll be hanging out with the Dream King* [Se precisar de mim, eu e Neil vamos estar com o Rei dos Sonhos]. A letra claramente tem significado para Amos e Gaiman, mas teve outro significado para um jovem obcecado pelos dois. Na época, eu já lia a obra de Neil fazia anos. Mas esse verso me fez pensar que Amos tinha criado algo diferente. Ela entrou na obra de Gaiman e se encontrou. Lembro que ouvi a música e pensei: “Então não sou só eu que acredita mais no mundo de Neil do que no meu.”

Ainda acho que existo mais no mundo de Gaiman do que no meu. Para nós, desajustados e estranhos, era a fuga para os mundos dele que nos ajudava a suportar o nosso. Eu diria que Gaiman cria o tipo de obra que suscita obsessões, mas isso parece fácil demais. Toda grande arte tem seus devotos, mas Gaiman, especialmente para outros escritores e esquisitões, independentemente do gênero ou tipo de arte, dá permissão para que nunca abandonemos o mundo de deslumbramento que todos, em algum momento, somos ensinados a deixar para trás. É claro que os melhores escritores sabem que isso é uma farsa — não existe um mundo de fantasia em contraposição ao mundo real, porque é tudo real. Não é alegoria, não é fábula; é real.

Isso talvez explique por que devorei *Deuses americanos* quando foi publicado nos Estados Unidos, em 2001, um ano que demandava desesperadamente uma fuga para a fantasia. Só que não foi uma fuga o que o livro me proporcionou. O romance propunha algo bem mais radical: a ideia de que os deuses esquecidos ainda existiam, lidando muito mal com seu crepúsculo, e não era porque tínhamos deixado de acreditar nessas divindades que elas pararam de

nos perturbar. Os deuses não apenas continuavam com suas maquinações, como também os mitos continuavam a ter importância. Afinal, um mito já foi uma religião e, antes disso, uma realidade, e ainda nos revela mais sobre nós mesmos do que a religião jamais seria capaz de fazer. Neil Gaiman é um criador de mitos, mas é também um restaurador de sonhos. Nunca sequer me ocorreu que eu precisava que um personagem fosse resgatado da sina de ser relegado a mero folclore até Gaiman pegar cantigas de infância quase esquecidas e lhes dar almas vivas, pulsantes, combativas. E então jogá-las em um presente para o qual nem sempre elas estavam prontas e que definitivamente não estava pronto para elas.

Esta coletânea transborda de feras fantásticas, pessoas normais com poderes esquisitos, pessoas esquisitas com problemas normais, mundos acima deste, mundos abaixo, e o mundo real, que não é tão real quanto você talvez imagine. Algumas histórias transitam por universos estranhos ao longo de três páginas. Algumas só param, em vez de acabar, e algumas, em vez de começar, só fazem uma pausa e esperam você alcançá-las. Algumas histórias ocupam uma cidade inteira, e outras, um único cômodo. Algumas são histórias de infância, com consequências muito adultas, enquanto outras mostram o que acontece quando gente grande perde a noção do que é ser criança. E tem também algumas histórias que só puxam a sua orelha, enquanto outras se agarram a você com tanta força que são necessários dias para conseguir se desvencilhar delas.

Tem mais. Toni Morrison escreveu certa vez que Tolstói não teria como imaginar que estava escrevendo para uma menina negra de Lorraine, Ohio. Neil não teria como imaginar que estava escrevendo para um garoto jamaicano confuso que não tinha a menor ideia de que ainda estava cambaleando após séculos de apagamento de seus próprios deuses e monstros. Sim, mitos já foram religiões, mas se encontram no âmago da identidade de um povo e de uma nação. Então, quando vi Anansi, do outro lado do apagamento, reagindo à exclusão e ao esquecimento a que foi submetido, comecei a me perguntar quem diabos era aquele cara da Inglaterra que tinha acabado de restaurar nossa história. Eu entendia o que significava para mim ter sido privado dos nossos mitos, mas nunca tinha parado para pensar no que isso significava para o mito.

Se os quadrinhos e as *graphic novels* de Gaiman me transformaram em um tipo de fã, a ficção dele me transformou em outro. Tenho inveja de quem, ao pegar esta coletânea, lerá Neil Gaiman pela primeira vez. Mas, por outro lado, pessoas que conhecem todas as músicas dos Beatles continuam comprando compilações, e fazem isso por algum motivo. Esta é uma iniciação que faz você mergulhar de cabeça e aborda tudo que selou a reputação de Gaiman

como um dos nossos mestres da fantasia. Mesmo assim, até para alguém que já leu um bocado da obra dele, ainda tem muita coisa para se descobrir, inclusive nos materiais antigos. Como eu disse, algumas pessoas têm todos os álbuns e ainda compram as coletâneas de sucessos, e não é por nostalgia.

É porque, ao colocar essas histórias uma ao lado da outra, surge uma nova e curiosa narrativa: a do escritor. O trecho de *Lugar Nenhum* é genial por si só, mas, entre “Não pergunte ao palhaço” e “A filha das corujas”, os três textos adquirem uma nova dimensão. Em conjunto, é o *tema* que se torna a história. A vida secreta das crianças, o mundo de horrores e maravilhas ao qual as entregamos quando apagamos a luz e fechamos a porta. O que acontece quando a porta fica fechada. O que acontece quando um mundo segue em frente e o outro, não. O leitor com algum conhecimento de inglês não deixa de perceber que *Neverwhere*, o título original de *Lugar Nenhum*, lembra “Neverland”, a Terra do Nunca, outro lugar que cobra um preço quando crianças não crescem. Mas algo acontece quando a gente ingressa em um mundo ainda sentindo os efeitos (e carregando o que existe nas entrelinhas) do outro que acabamos de deixar para trás, levando medos e encantos de uma história para a seguinte. Ou, melhor ainda, quando vemos, ao avançar pela coletânea, o que tira o sono de Gaiman.

Outras coisas peculiares acontecem neste volume. A maneira como interpretamos certos personagens de “Eu, Cthulhu” afeta nossa reação quando seus nomes reaparecem alguns contos depois. Esses personagens não chegam a aparecer propriamente no segundo conto, mas não tem importância. Eles deixaram uma marca tão forte na nossa imaginação que mal nos damos conta de que o pavor da segunda história é o que *nós* trazemos a ela. A atmosfera de mau agouro, a sensação de que tudo é possível, vem de nós. É o que grandes coletâneas fazem: recontextualizam histórias, até mesmo as que você já leu, e proporcionam leituras completamente novas. Juntas, também revelam aspectos que talvez você não tenha percebido quando estavam afastadas. O humor hilário, por exemplo. O humor e o horror sempre foram companheiros inseparáveis: o horror deixa o humor mais engraçado; o humor deixa o horror mais horripilante. A tirada inicial do conto “Podemos fazer por atacado” é divertidíssima não só por causa do aspecto sinistro e ridículo da história, mas também porque é marcada por aquela que é a mais inglesa das qualidades: a sovinice. Até onde você iria para aproveitar um desconto? Spoiler: até o fim do mundo.

Talvez uma comparação mais adequada seja a “White Album” dos Beatles: imenso em tamanho e abrangência, com elementos individualmente geniais que são apresentados em conjunto porque o único contexto necessário é a enorme qualidade deles. Este livro tem coisas engraçadas. Coisas assustadoras.

Coisas de fantasia. Coisas de mistério. Coisas de fantasma. Coisas de criança. Coisas que você já leu, e muitas coisas que não. Histórias que reforçam tudo que você conhece sobre a obra de Neil Gaiman e histórias que vão bagunçar o que acha que conhece. É tentador dizer que o bom desse ou de qualquer contador de histórias é que ele nunca cresceu, mas não é bem isso. Na verdade, quando eu era mais novo, uma das coisas que me empolgavam na obra de Gaiman era o quanto eu me sentia *adulto* ao lê-la.

O que significa, é claro, que, se você passou tanto tempo quanto eu lendo a obra de Neil, vai reconhecer a ironia um tanto quanto bizarra do fato de que foi preciso entrar em mundos de faz de conta para eu me sentir gente grande. Esses personagens têm poderes, captam visões, vêm de terras imaginárias ou têm atitudes esquisitas, maravilhosas e até horríveis. Mas também têm dificuldades, são cheios de conflitos e, às vezes, vivem e morrem (e voltam à vida) por conta de suas decisões complicadas. E eu achando que as fadas eram seres simples e as pessoas é que eram complexas.

Tem algo de muito cristão — ou melhor, de protestante — na ideia de que abrir mão da imaginação é um sinal de crescimento, e, como estudioso diligente de escritores sociorrealistas mortos, eu acreditava nisso. Mas realismo também é especulação. E, se você fosse um nerd preto como eu, uma família branca de um bairro rico impossivelmente limpo, que vive nada mais, nada menos que o drama do tédio esmagador da existência e devassa a própria vida só por falar dela, seria tão fantástica quanto o Super-Homem.

Como não sou fã de H. P. Lovecraft, é claro que o deixei para o final. Não dá para falar de um fantasista moderno sem trazer junto o sr. Montanhas da Loucura, o que é curioso, se considerarmos que ele teria detestado ficar perto de tantos outros que não se pareciam com ele. Mas, quando leio Neil Gaiman, não vejo nada de Lovecraft, nem sequer em “Eu, Cthulhu”. O fantasma que percebo no ar é Borges. Como Jorge Luis, Neil não escreve ficção especulativa. Ele está tão entregue a esses mundos que já passou da fase de especulações e passou a viver neles. Como Borges, ele escreve sobre as coisas como se elas já tivessem acontecido, descreve mundos como se já vivêssemos neles e conta histórias como se fossem verdades concretas que ele só estivesse compartilhando. Acho que não acredito que eu vá me descobrir na leitura de boa ficção, mas sim que descobrirei onde quero estar. Porque as histórias de Neil nos deixam com a sensação de que é no mundo dele que estivemos a vida toda, e que o mundo “real” é que é de faz de conta.

Marlon James

◆ PREFÁCIO ◆

PARA MIM, AS PIORES conversas são as com taxistas.

— E o que você faz? — perguntam eles.

E eu respondo:

— Escrevo coisas.

— Que tipo de coisas?

— Hum. De tudo — respondo, mas pareço hesitante. Dá para ouvir na minha voz.

— É? "De tudo" o quê? Ficção, não ficção, livros, TV?

— É. Essas coisas.

— E que tipo de coisa você escreve? Fantasia? Mistério? Ficção científica? Ficção literária? Livros infantis? Poesia? Resenhas? Comédia? Terror? O quê?

— Tudo isso, na verdade.

Aí os taxistas me dão uma olhada pelo retrovisor, decidem que estou zombando da cara deles e ficam quietos, e às vezes continuam. A pergunta seguinte sempre é:

— Alguma coisa que eu conheça?

Aí eu listo os livros que já escrevi, e praticamente todos os taxistas que já me fizeram essa pergunta balançaram a cabeça e disseram que nunca tinham ouvido falar dessas obras, ou de mim, mas que vão procurar um dia. Às vezes eles me pedem para soletrar meu nome. (O único taxista que encostou no meio-fio, desceu do carro, me abraçou e me pediu um autógrafo para a esposa foi uma anomalia, mas eu gostei muito.)

Fico sem graça por não ser alguém que escreve uma coisa só — mistérios, por exemplo, ou histórias de fantasma.

Alguém que seja fácil de explicar em um táxi.

Este livro é para todos esses taxistas.

Mas não só para eles.

É um livro para qualquer pessoa que, depois de me perguntar o que eu faço, e depois de me perguntar o que eu escrevo, queira saber qual livro meu ler.

Porque, para mim, a resposta sempre é: "De que tipo de coisa você gosta?"
Aí eu tento indicar o negócio que eu escrevi que mais se aproxima do que a pessoa quer ler.

Neste livro, você encontrará contos, novelas e até alguns trechos de romances. (Não verá nada de quadrinhos ou crítica literária, nem ensaios, roteiros ou poemas.)

Os contos e as novelas estão aqui porque tenho orgulho deles, e você pode mergulhar à vontade e sair quando quiser. Eles abordam vários gêneros e assuntos, e o que têm em comum é, principalmente, que foram escritos por mim. Outra coisa que têm em comum é o fato de que foram escolhidos por leitores na internet, quando pedimos para as pessoas votarem em suas histórias preferidas. Por causa disso, não precisei tentar apontar favoritos. Deixei os votos de cada história servirem de guia para o que entraria aqui e não tive influência nas histórias que foram incluídas ou cortadas — exceto em um caso. É uma fábula chamada “Macaco e a Dama”, e eu a coloquei neste livro porque ela nunca apareceu em nenhuma coletânea minha e só saiu no livro para o qual foi escrita, a antologia de 2017 *The Weight of Words*, de Dave McKean. É um conto que eu adoro, mas não sei dizer por quê.

A escolha dos trechos dos romances foi mais difícil, e nesses casos segui a orientação de Jennifer Brehl, minha querida editora. Na minha cabeça, nada nos romances se sustenta à parte, então não dá para tirar trechos de contexto — mas me lembro de achar, quando era pequeno, um livro que deve ter sido do meu pai e se chamava *A Book of Wit and Humour*, organizado por Michael Barsley, que continha principalmente trechos de romances. Ainda o tenho. Eu me apaixonei por alguns trechos que depois me fizeram procurar livros que até hoje me deleitam e me trazem prazer, como *Fazenda maldita*, o glorioso romance de Stella Gibbons sobre feitos sombrios e pavorosos em uma casa de fazenda em Sussex, ou a comédia shakespeariana mágica *No Bed for Bacon*, de Caryl Brahms e S. J. Simon. Então pode ser que alguém leia isto e decida, com base nas páginas oferecidas aqui, que *Deuses americanos* ou *Stardust: O mistério da estrela* (para falar de dois romances muito diferentes que, por acaso, têm autoria minha) podem ser sua praia e valham uma olhada. Eu ficaria feliz com isso.

As histórias neste livro estão organizadas por ordem de publicação — não por ordem de quantas pessoas gostaram delas —, começando pelas mais antigas. Você vai me ver tentando entender quem sou como escritor, experimentando chapéus e óculos de outras pessoas para saber se cabem em mim, até, com o tempo, descobrir quem eu era desde o início. Quero que você explore. Comece por onde quiser, leia qualquer história que lhe dê na telha.

Adoro ser escritor.

Adoro ser escritor porque, quando escrevo, posso fazer o que quiser. Não existem regras. Não existem sequer guias. Posso escrever coisas engraçadas

e tristes, histórias grandes e pequenas. Posso escrever para deixar você feliz, ou posso escrever para gelar seu sangue. Tenho certeza de que meu sucesso comercial como autor seria maior se eu tivesse escrito só um livro por ano, e que cada um fosse em muitos sentidos como o anterior, mas assim não seria nem de perto tão divertido.

Vou fazer sessenta anos em breve.* Sou escritor profissional desde os vinte e dois. Espero muito que ainda possa escrever por mais vinte, talvez até trinta anos; afinal, tem muitas histórias que ainda quero contar, e está começando a parecer que, se eu continuar, talvez algum dia eu tenha uma resposta para todo mundo, até mesmo um taxista, que queira saber que tipo de escritor eu sou.

Talvez até eu mesmo descubra.

Se você tem me acompanhado nessa estrada por todos esses anos, lendo esses contos e romances conforme eram publicados, obrigado. Sou grato por isso e por você. E, se este é nosso primeiro contato, tomara que encontre nestas páginas algo que faça você se distrair, se divertir, imaginar, pensar — ou simplesmente que faça você querer continuar lendo.

Obrigado por ter vindo.

Aproveite.

Neil Gaiman
Maio de 2020
Ilha de Skye

* No ano de publicação desta edição, 2024, Neil Gaiman estava com 63 anos. [N. E.]

PODEMOS FAZER POR ATACADO

1984



PETER PINTER NUNCA tinha ouvido falar de Aristipo de Cirene, um discípulo pouco conhecido de Sócrates que argumentava que evitar problemas era o maior bem que se podia alcançar; ainda assim, Peter havia levado sua vida pacata de acordo com esse preceito. Em todos os sentidos, salvo um (a incapacidade de dispensar uma pechincha, e quem de nós é completamente imune a esse tipo de coisa?), ele era um homem muito moderado. Não recorria a extremos. Falava com um tom educado e reservado; raramente comia demais; bebia apenas o bastante para ser sociável; estava longe de ser rico e de modo algum era pobre. Gostava de pessoas, e as pessoas gostavam dele. Levando tudo isso em conta, você esperaria vê-lo em um pub de péssima reputação na parte mais sórdida do East End de Londres, fazendo o que a linguagem coloquial chama de “encomendar” a morte de alguém que ele mal conhecia? Não. Você não esperaria sequer vê-lo nesse pub.

E, até a tarde de certa sexta-feira, você teria razão. Mas o amor de uma mulher pode produzir efeitos estranhos em uma pessoa, até mesmo em alguém tão inosso quanto Peter Pinter, e a descoberta de que a srta. Gwendolyn Thorpe, de vinte e três anos de idade, moradora de Oaktree Terrace, número 9, em Purley, estava dando uns amassos (como diriam as línguas vulgares) com um rapaz galante do departamento de contabilidade — *depois*, veja bem, de ter aceitado usar um anel de noivado composto de genuínas lascas de rubi, ouro de nove quilates e algo que bem poderia ser um diamante (trinta e sete libras e cinquenta centavos) que Peter levava quase uma hora de almoço inteira para escolher — pode mesmo causar efeitos muito estranhos em um homem.

Após essa descoberta chocante, Peter passou a noite de sexta em claro, revirando-se na cama em meio a imagens de Gwendolyn e Archie Gibbons (o Don Juan da contabilidade da Clamages) dançando e flutuando diante de seus olhos — realizando atos que até mesmo Peter, se fosse obrigado, teria que admitir que eram altamente improváveis. Mas o rancor do ciúme crescera

dentro dele, e na manhã seguinte Peter já estava decidido que seu rival precisava ser eliminado.

A manhã de sábado foi dedicada a pensar em alguma forma de entrar em contato com um assassino, pois, até onde Peter sabia, não havia nenhum no quadro de funcionários da Clamages (a loja de departamento que empregava todos os três integrantes de nosso eterno triângulo e que, por acaso, forneceu o anel), e ele não queria perguntar abertamente a ninguém por medo de chamar atenção.

Portanto, na tarde de sábado, ele estava vasculhando as Páginas Amarelas.

ASSASSINOS, ele constatou, não ficava entre ASPIRADORES e ASSESSORIA (VÁRIOS); MATADORES não ficava entre MASSOTERAPEUTAS e MÉDICOS; HOMICIDAS não ficava entre HOMEOPATAS e HORTIGRANJEIROS. EXTERMINADORES parecia promissor. No entanto, uma análise mais detalhada dos anúncios revelou que eles se ocupavam quase que exclusivamente de “ratos, camundongos, pulgas, baratas, coelhos, toupeiras e ratos” (Peter achou que pegaram um pouco pesado com ratos) e não eram exatamente o que ele queria. Mesmo assim, dotado de uma natureza cuidadosa, ele examinou meticulosamente os itens dessa categoria e, no final da segunda página, em letras miúdas, achou uma empresa que talvez atendesse ao seu objetivo.

“Remoção total e discreta de mamíferos desagradáveis e indesejados, entre outros”, dizia o anúncio. “Ketch, Hare, Burke e Ketch. Velha Firma.” Não havia endereço, apenas um número de telefone.

Peter discou o número, surpreso consigo mesmo por isso. Seu coração pulava no peito, e ele tentou parecer tranquilo. O telefone tocou uma, duas, três vezes. Peter estava começando a torcer para ninguém atender e ele poder esquecer aquela história toda quando houve um clique e uma voz de mulher firme e jovem disse:

— Ketch Hare Burke Ketch. Em que posso ajudar?

Tomando o cuidado de não se identificar, Peter disse:

— Hm, qual o tamanho... Quer dizer, com até que tamanho de mamíferos vocês trabalham... hm... removendo?

— Bom, depende do tamanho de que o senhor precisa.

Ele reuniu toda a sua coragem.

— Uma pessoa?

A voz da atendente continuou firme e imperturbável.

— Claro, senhor. Tem papel e caneta à mão? Ótimo. Vá ao pub Jumento Sujo, na Little Court Street, E3, às oito da noite de hoje. Leve um exemplar enrolado do *Financial Times*, é o jornal cor-de-rosa, senhor, e nosso representante o abordará lá.

E desligou o telefone.

Peter estava em êxtase. Tinha sido muito mais fácil do que imaginara. Ele foi até a banca de jornal, comprou um exemplar do *Financial Times*, achou a Little Court Street em seu mapa de Londres e passou o resto da tarde vendo futebol na televisão, imaginando o velório do rapaz galante da contabilidade.

Peter levou algum tempo para encontrar o pub. Ele finalmente viu o letreiro, que exibia um jumento e era mesmo incrivelmente sujo.

O Jumento Sujo era um bar pequeno, meio imundo e mal iluminado, onde gente com barba por fazer e casacos baratos e encardidos se aglomerava, trocando olhares desconfiados, comendo fritas e bebendo canecas de cerveja escura, uma bebida que Peter nunca apreciara. Ele enfiou seu *Financial Times* embaixo do braço da forma mais evidente possível, mas ninguém o abordou, então ele comprou meio *shandy* e se recolheu a uma mesa no canto. Sem saber o que fazer enquanto esperava, tentou ler o jornal, mas, perdido e confuso por um labirinto de cotações de futuros de grãos e uma empresa de borracha que estava vendendo ações de alguma coisa a descoberto (que coisa era essa, Peter não conseguiu descobrir), desistiu e se pôs a encarar a porta.

Fazia quase dez minutos que ele estava esperando quando um homem baixo e afobado entrou de repente, olhou rapidamente à sua volta, foi direto até a mesa de Peter e se sentou.

Ele estendeu a mão.

— Kemble. Burton Kemble, da Ketch Hare Burke Ketch. Disseram que você tinha um serviço pra gente.

Ele não parecia um matador. Peter falou isso para o homem.

— Ah, deus m'livre, não. Eu não faço parte da equipe, senhor. Sou de vendas.

Peter assentiu. Certamente aquilo fazia sentido.

— Podemos, hm, falar à vontade aqui?

— Claro. Ninguém está nem aí. Vamos lá, quantas pessoas você gostaria de remover?

— Só uma. O nome dele é Archibald Gibbons, e ele trabalha no departamento de contabilidade da Clamages. O endereço é...

Kemble o interrompeu.

— Podemos ver isso tudo depois, se o senhor não se importar. Vamos só conversar rapidamente sobre a parte financeira. Em primeiro lugar, a encomenda vai lhe custar quinhentas libras.

Peter assentiu. Tinha dinheiro para pagar pelo serviço e até havia imaginado que precisaria desembolsar um pouco mais.

— ... mas sempre tem a opção da oferta especial — concluiu Kemble, com sutileza.

Os olhos de Peter brilharam. Como já comentei, ele adorava uma pechincha e vivia comprando coisas que jamais usaria em liquidações e promoções. Exceto por esse defeito (de que tantos de nós partilhamos), era um jovem bastante moderado.

— Oferta especial?

— Dois pelo preço de um, senhor.

Hmm, pensou Peter. Assim cada um sairia por duzentas e cinquenta libras, o que não era nada mau, de modo algum. Tinha só um probleminha.

— Acho que não tem mais *ninguém* que eu queira ver morto.

Kemble pareceu chateado.

— Que pena, senhor. Por dois, provavelmente conseguiríamos até baixar o preço e fazer tudo por uns quatrocentos e cinquenta.

— Sério?

— Bom, assim nossos representantes têm o que fazer, senhor. A questão — ele então baixou a voz — é que esse ramo específico não tem demanda suficiente para manter os rapazes ocupados. Não tanto quanto nos velhos tempos. Será que não tem só mais *uma* pessoa que você queira que morra?

Peter refletiu. Ele odiava dispensar uma pechincha, mas não conseguia pensar em mais ninguém, de jeito nenhum. Ele gostava das pessoas. Ainda assim, pechincha era pechincha...

— Olha — disse Peter. — Posso pensar um pouco e encontrar o senhor aqui amanhã à noite?

O vendedor ficou satisfeito.

— Claro, senhor — respondeu ele. — Com certeza mais alguém vai lhe vir à mente.

A resposta — óbvia — ocorreu a Peter quando ele estava quase pegando no sono naquela noite. Sobressaltado, se sentou na cama, bateu a mesinha de cabeceira até conseguir acender a luz do abajur e anotou o nome no verso de um envelope, para o caso de esquecer. Para falar a verdade, ele achava que não esqueceria, porque era ridiculamente óbvio, mas com esses pensamentos da madrugada nunca se sabe.

O nome que anotara no verso do envelope foi *Gwendolyn Thorpe*.

Peter apagou a luz, virou-se para o lado e logo pegou no sono, tendo sonhos pacíficos e extraordinariamente nada homicidas.

Kemble estava esperando quando ele chegou ao Jumento Sujo no domingo à noite. Peter comprou uma bebida e se sentou ao lado do vendedor.

— Vou aproveitar sua oferta especial — disse, a título de cumprimento.

Kemble assentiu vigorosamente.

— Excelente decisão, senhor, se me permite dizer.

Peter Pinter deu um sorriso modesto, como se fosse alguém que lê o *Financial Times* e toma excelentes decisões de negócios.

— Vão ser quatrocentos e cinquenta libras, certo?

— Eu falei quatrocentos e cinquenta, senhor? Minha nossa, mil perdões. Por favor, senhor, me desculpe, eu estava pensando no nosso combo. Duas pessoas são quatrocentos e setenta e cinco libras.

Uma mistura de decepção e cobiça se instalou no rosto comum e jovem de Peter. Eram vinte e cinco libras a mais. Entretanto, algo que Kemble dissera chamou sua atenção.

— Combo?

— Isso. Mas duvido que o senhor vá se interessar.

— Não, não, eu quero saber. Diga.

— Muito bem, senhor. O combo, de quatrocentos e cinquenta libras, é um serviço grande. Dez pessoas.

Peter não sabia se tinha ouvido direito.

— Dez pessoas? Mas assim cada uma sai a quarenta e cinco libras.

— Isso mesmo, senhor. A gente ganha no volume.

— Entendi — disse Peter, e: — Hm — disse Peter, e: — Você poderia vir aqui de novo amanhã à noite?

— Claro, senhor.

Ao chegar em casa, Peter pegou um pedaço de papel e uma caneta. Escreveu de um a dez na lateral da folha e preencheu assim:

1. *Archie G.*

2. *Gwenie.*

3.

e daí por diante.

Ele mordiscou a ponta da caneta e ficou tentando se lembrar de ofensas proferidas contra ele ou de pessoas que não fariam falta no mundo.

Fumou um cigarro. Caminhou pelo quarto.

Aha! Tinha um professor de física em uma escola onde Peter havia estudado que infernizara a vida dele. Qual era mesmo o nome do sujeito? Aliás,

ele ainda estava vivo? Peter não sabia, mas escreveu *Professor de física, colégio da Abbot Street* ao lado do número três. O nome seguinte foi mais fácil — o chefe do departamento dele tinha lhe negado um aumento alguns meses antes; o fato de que ele acabou ganhando o aumento depois não vinha ao caso. *Sr. Hunterson* foi o número quatro.

Quando Peter tinha cinco anos, um menino chamado Simon Ellis jogou tinta na cabeça dele enquanto outro menino chamado James qualquer-coisa o segurava e uma menina chamada Sharon Hartsharpe ria. Foram os números cinco a sete, respectivamente.

Quem mais?

Tinha o cara da televisão com a risadinha irritante que apresentava o jornal. Entrou na lista. E aquela mulher do apartamento vizinho, com aquele cachorrinho barulhento que cagava no corredor? Ele pôs a mulher e o cachorro no número nove. O dez foi o mais difícil. Ele coçou a cabeça e foi pegar um café na cozinha, mas voltou correndo e escreveu *Meu tio-avô Mervyn* no décimo lugar. Diziam que o velho era bastante rico, e havia a chance (ainda que remota) de que deixasse algum dinheiro para Peter.

Com a satisfação de uma noite produtiva, ele foi para a cama.

A segunda-feira na Clamages foi normal. Peter era assistente-sênior de vendas no departamento de livraria, um cargo que, verdade seja dita, demandava muito pouco. Ele segurava a lista com força na mão, no fundo do bolso, deliciando-se com a sensação de poder que aquilo lhe dava. Sua hora de almoço no refeitório foi muito agradável, com a companhia da jovem Gwendolyn (que não sabia que ele a vira entrar com Archie no depósito), e Peter até sorriu para o rapaz galante da contabilidade ao cruzar com ele no corredor.

Peter mostrou a lista para Kemble à noite, cheio de orgulho.

O coitado do vendedor ficou desolado.

— Infelizmente, sr. Pinter, aqui não são dez pessoas — explicou ele. — O senhor contou a mulher do apartamento ao lado e o cachorro dela como uma pessoa só. Com eles, são onze, o que custaria... — a calculadora de bolso dele logo entrou em ação — ... mais setenta libras. E se tirarmos o cachorro?

Peter balançou a cabeça.

— O cachorro é tão ruim quanto a mulher. Ou pior.

— Então vamos ter um pequeno problema, infelizmente. A não ser que...

— O quê?

— A não ser que o senhor queira tirar proveito da nossa tabela de atacado. Mas é claro que o senhor não...

Existem palavras que causam efeitos nas pessoas; palavras que fazem o rosto das pessoas reluzir de alegria, entusiasmo ou paixão. *Ambiental* pode ser uma; *ocultismo* é outra. *Atacado* era a de Peter. Ele se recostou na cadeira.

— Pode falar — instou, com a confiança experiente de um comprador veterano.

— Bom, senhor — disse Kemble, permitindo-se uma ligeira risadinha —, podemos, hã, *fazer* por atacado. Cada unidade acima de cinquenta sairia a dezessete e cinquenta, ou a dez, se for acima de duzentos.

— Então vocês baixariam para cinco se eu quisesse dar cabo de mil pessoas?

— Ah, não, senhor. — Kemble parecia chocado. — Se o senhor está pensando numa quantidade dessas, podemos fazer por uma prata cada.

— Uma *libra*?

— Isso mesmo, senhor. A margem de lucro não é grande, mas o alto volume de giro e produtividade mais que justificam.

Kemble se levantou.

— Mesmo horário amanhã, senhor?

Peter fez que sim.

Mil libras. Mil pessoas. Peter Pinter nem *conhecia* mil pessoas. Mesmo assim... tinha as Câmaras Parlamentares. Ele não gostava de políticos; viviam discutindo e batendo boca.

Aliás...

Uma ideia, chocante de tão audaciosa. Ousada. Temerária. Mesmo assim, a ideia surgiu e não queria ir embora. Uma prima distante dele havia se casado com o irmão caçula de um conde ou barão ou algo do tipo...

No caminho do trabalho para casa à tarde, ele parou em uma lojinha que já tinha visto milhares de vezes mas nunca entrou. Tinha um letreiro grande na vitrine — que garantia rastrear a árvore genealógica e até criar um brasão para a família, caso o cliente tivesse perdido o seu — e um mapa heráldico impressionante.

Eles foram muito solícitos e telefonaram pouco depois das sete para dar a notícia.

Se aproximadamente catorze milhões, setenta e duas mil, oitocentas e onze pessoas morressem, ele, Peter Pinter, seria o *rei da Inglaterra*.

Ele não tinha catorze milhões, setenta e duas mil, oitocentas e onze libras: mas desconfiava de que, nessa quantidade, o sr. Kemble faria um daqueles descontos especiais.

★ ★ ★

O sr. Kemble fez.

Nem piscou.

— Na verdade — explicou o homem —, sai bem barato; é que não teríamos que remover cada pessoa individualmente. Bombas atômicas de baixa escala, algumas explosões bem criteriosas, gases, pestes, rádios jogados em piscinas, e depois uma geral para cuidar dos avulsos que sobrarem. Digamos, quatro mil libras.

— Quatro m...? *Incrível!*

O vendedor estava muito contente.

— Nossos representantes vão agradecer pelo trabalho, senhor. — Ele sorriu. — A gente dá muito valor aos clientes que usam nossos serviços por atacado.

O vento estava frio quando Peter saiu do bar, o letreiro antigo balançando. Não parecia muito um jumento sujo, pensou Peter. Estava mais para um cavalo amarelo.

Ele estava quase pegando no sono à noite, ensaiando na cabeça o discurso de sua coroação, quando uma ideia pairou por seus pensamentos e ficou no ar. Não foi embora de jeito nenhum. Seria... seria *possível* que ele estivesse perdendo uma economia maior ainda? Será que ele estava dispensando uma pechincha?

Peter saiu da cama e foi até o telefone. Eram quase três da madrugada, mas mesmo assim...

As Páginas Amarelas estavam abertas no mesmo lugar em que ele havia deixado no sábado, e Peter discou o número.

O telefone pareceu tocar eternamente. Depois de um clique, uma voz entediada disse:

— Burke Hare Ketch. Como posso ajudar?

— Desculpe o horário... — começou.

— Imagina, senhor.

— Eu queria saber se posso falar com o sr. Kemble.

— Poderia aguardar? Vou ver se ele está disponível.

Peter esperou alguns minutos, escutando os estalos e sussurros fantasmagóricos que sempre ecoam por linhas telefônicas vazias.

— Alô, senhor, ainda está aí?

— Oi, estou, sim.

— Vou transferir.

Um zumbido, e então:

— Aqui é Kemble.

— Ah, sr. Kemble. Oi. Desculpe se acordei o senhor ou se estou atrapalhando. Aqui é, hum, Peter Pinter.

— Pois não, sr. Pinter?

— Bom, sinto muito por ligar tão tarde, é que eu estava pensando... Quanto custaria para matar todo mundo? Todo mundo no planeta?

— Todo mundo? Todas as pessoas?

— É. Quanto? Quer dizer, por uma encomenda dessas, vocês devem oferecer um desconto grande. Quanto seria? Para todo mundo?

— Nada, sr. Pinter.

— Vocês não fariam?

— Não, sr. Pinter, quis dizer que faríamos por nada. Só precisamos do pedido, entende? Só precisamos de um pedido, sempre.

Peter ficou intrigado.

— Mas... quando vocês começariam?

— Quando? Imediatamente. Agora. Estamos prontos há muito tempo, mas precisávamos do pedido, sr. Pinter. Boa noite. *Foi um prazer fazer negócios com o senhor.*

O telefone ficou mudo.

Peter se sentia estranho. Tudo parecia muito distante. Ele queria se sentar. Que diabos o sujeito quis dizer? “Só precisamos de um pedido, sempre.” Definitivamente era estranho. Ninguém neste mundo fazia qualquer coisa sem querer algo em troca. Peter estava com vontade de ligar de novo para Kemble e cancelar a coisa toda. Talvez ele estivesse exagerando, talvez Archie e Gwendolyn tivessem entrado juntos no depósito por algum motivo totalmente inocente. Ele ia conversar com ela. Ia, sim. Ia conversar com Gwendolyn de manhã cedinho...

Foi aí que começaram os barulhos.

Gritos esquisitos na rua. Gatos brigando? Raposas, provavelmente. Ele torceu para que alguém jogasse um sapato nelas. Aí, no corredor do lado de fora do apartamento, ouviu uns baques abafados, como se alguém estivesse arrastando alguma coisa pesada pelo chão. O barulho parou. Alguém bateu na porta dele, duas vezes, bem de leve.

Pela janela, os gritos estavam ficando mais altos. Peter se sentou na poltrona, sabendo que de alguma forma, em algum momento, ele havia perdido alguma coisa. Alguma coisa importante. As batidas na porta soaram de novo. Felizmente, ele sempre trancava a porta e passava a corrente à noite.

Eles estavam prontos há muito tempo, mas só precisavam do pedido...

Quando a coisa atravessou a porta, Peter começou a gritar, mas seus gritos não se estenderam por muito tempo.

“EU, CTHULHU”

1986



I.

Cthulhu, é assim que me chamam. Grande Cthulhu. Ninguém consegue pronunciar direito.

Está anotando? Cada palavra? Ótimo. Por onde eu começo... hm? Tudo bem, então. Pelo começo. Pode escrever, Whateley.

Minha geração aconteceu incontáveis éons atrás, nas brumas sombrias de Khhaa'yngnaiih (não, claro que não sei como se escreve. Bote do jeito que se fala), por horrendos pais sem-nome, sob uma lua gibosa. Não era a lua deste planeta, óbvio, era uma lua de verdade. Em algumas noites, ela tomava metade do céu e, quando se erguia, dava para ver o sangue rubro gotejar e escorrer por aquela face inchada, manchando-a de vermelho, até a lua atingir o ápice e banhar os pântanos e as torres com uma luz escarlate macabra e brutal.

Que dias.

Ou melhor, que noites, de modo geral. Nosso lar tinha uma espécie de sol, mas era antigo, já naquela época. Eu lembro que, na noite em que ele finalmente explodiu, fomos todos rastejando até a praia para ver. Mas estou me adiantando.

Não cheguei a conhecer meus pais.

Meu pai foi consumido pela minha mãe assim que a fertilizou, e ela, por sua vez, foi devorada por mim quando nasci. Essa é minha primeira lembrança, por sinal. De abrir caminho para fora dela, sentindo ainda nos tentáculos aquele gosto rançoso.

Não se espante assim, Whateley. Para mim, vocês, humanos, são igualmente asquerosos.

Aliás, alguém se lembrou de dar comida para o shoggoth? Tive a impressão de ouvi-lo grunhir algo.

Passei meus primeiros milênios naqueles pântanos. Não gostava, claro, porque eu tinha a cor de uma truta jovem e media pouco mais do que vocês chamam de metro. Na maior parte do tempo eu me esgueirava atrás de coisas para devorá-las e evitava que elas se esgueirassem atrás de mim e me devorassem.

E assim foi minha juventude.

Até que, certo dia — acho que era uma terça-feira —, descobri que a vida era mais do que comer. (Sexo? Claro que não. Só vou chegar a essa fase depois da minha próxima estivação; quando isso acontecer, seu planetinha irrisório já estará mais que gelado). Foi nessa terça que meu tio Hastur rastejou até meu lado do pântano com as mandíbulas fundidas.

Isso significava que ele não pretendia jantar naquela visita, e que poderíamos conversar.

Ora, que pergunta idiota, Whateley, até para você. Não uso nenhuma das minhas bocas para me comunicar com você, não é? Então pronto. Mais uma pergunta dessas e vou arranjar outro para transmitir minhas memórias. E você vai virar comida de shoggoth.

Vamos sair, disse Hastur para mim. Quer vir conosco?

Conosco?, perguntei. Quem?

Eu, disse ele, Azathoth, Yog-Sothoth, Nyarlathotep, Tsathoggua, Iä! Shub-Niggurath, o jovem Yuggoth e alguns outros. Enfim, disse ele, os meninos. (Estou traduzindo livremente para você, Whateley, sabe como é. A maioria ali era a-, bi- ou trissexual, e o velho Iä! Shub-Niggurath tem no mínimo mil filhotes, pelo menos é o que dizem. Aquela parte da família sempre foi dada a exageros.) Vamos sair, concluiu ele, e estávamos pensando se você gostaria de se divertir um pouco.

Não respondi de imediato. Para falar a verdade, eu não gostava tanto assim dos meus primos e, devido a alguma distorção particularmente caliginosa dos planos, sempre tive dificuldade para vê-los com clareza. Eles costumam ter contornos turvos, e alguns — Sabaoth é um bom exemplo — têm muitíssimos contornos.

Mas eu era jovem e desejava animação.

“A vida deve ser mais do que isto!”, eu exclamava, em meio ao delicioso miasma fétido e sepulcral, sob os pios e grasnados de ngau-ngaus e zitadores. Falei que sim, como você já deve ter adivinhado, e fui exsudando atrás de Hastur até chegarmos ao ponto de encontro.

Pelo que me lembro, passamos a lua seguinte debatendo aonde iríamos. Azathoth disse que estava com os corações palpitando para ver a distante Shaggai, e Nyarlathotep queria porque queria ir ao Lugar Inominável (não

faço ideia do porquê. Na última vez em que fui lá, estava tudo fechado). Para mim, tanto fazia, Whateley. Basta o lugar ser molhado e, de alguma forma, sutilmente *errado* que eu já me sinto em casa. Mas a última palavra foi de Yog-Sothoth, como sempre, e viemos para este plano.

Você já conheceu Yog-Sothoth, não foi, meu animalzinho bípede? Imaginei. Ele abriu o caminho que nos trouxe até aqui.

Sinceramente, não achei grande coisa. Continuo não achando. Se eu soubesse dos problemas que a gente enfrentaria, duvido que eu teria me dado ao trabalho. Mas eu era jovem.

Lembro que nossa primeira parada foi a obscura Carcosa. Eu me borrava de medo daquele lugar. Hoje em dia, consigo olhar para sua espécie sem tremer, mas aquela gente toda, sem qualquer sinal de escamas ou pseudópodes, me deu arrepios.

O Rei de Amarelo foi o primeiro com quem me entrosei.

O rei maltrapilho. Não conhece? *Necronomicon*, página setecentos e quatro (da edição completa), sugere a existência dele, e acho que aquele idiota do Prinn o cita em *De Vermis Mysteriis*. E tem Chambers, também, claro.

Sujeito bacana, depois que me acostumei.

Ele foi um dos primeiros que me deram a ideia.

Que inferno impronunciável, perguntei a ele, há para se fazer nesta dimensão pavorosa?

Ele riu. Quando cheguei aqui, disse ele, mera cor vinda do espaço, eu me perguntei a mesma coisa. Aí descobri como podia ser divertido conquistar esses mundos peculiares, subjugar os habitantes, fazê-los temer e louvar a gente. É hilário.

Mas é claro que os Antigos não gostam.

Os antigos?, perguntei.

Não, disse ele, Antigos. Letra maiúscula. Pessoal engraçado. Parecem uns barris imensos com cabeça de estrela-do-mar, com asas finas enormes que eles usam para voar pelo espaço.

Voar pelo espaço? Voar? Fiquei em choque. Eu achava que ninguém mais voava ultimamente. Para que esse esforço quando se pode lesmelar, né? Deu para entender por que eles eram chamados de antigos. Desculpe, Antigos.

O que esses Antigos fazem?, perguntei ao Rei.

(Depois eu explico o que é lesmelar, Whateley. Mas não adianta. Você não tem wnaisngh'ang. Se bem que talvez um equipamento de badminton funcione quase tão bem quanto.) (Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim.)

O que esses Antigos fazem?, perguntei ao Rei.

Nada de mais, explicou ele. Só não gostam que mais ninguém faça.

Ondulei, retorcendo meus tentáculos como se quisesse dizer “Já conheci seres assim no passado”, mas acho que a mensagem não alcançou o Rei.

Você sabe de algum lugar apto a ser conquistado?, perguntei.

Ele acenou vagamente com a mão na direção de um grupo pequeno e melancólico de estrelas. Tem um ali de que talvez você goste, disse ele. O nome é Terra. Um pouco fora do comum, mas tem bastante espaço para melhorias.

Malandrinho.

Por enquanto é só isso, Whateley.

Mande alguém alimentar o shoggoth quando sair.

II.

Já está na hora, Whateley?

Bobo. Eu sei que mandei chamá-lo. Minha memória continua tão boa como sempre. Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fthagn.

Você sabe o que isso quer dizer, né?

Nesta casa em R’lyeh, Cthulhu em morte aguarda sonhando.

Um exagero justificado; não tenho me sentido muito bem ultimamente.

Era uma piada, monocabeça, uma piada. Está escrevendo tudo isso? Ótimo. Continue escrevendo. Eu sei onde paramos ontem.

R’lyeh.

Terra.

Esse é um exemplo de como as línguas mudam, o significado das palavras. Imprecisão. Acho insuportável. Houve um tempo em que R’lyeh foi a Terra, ou pelo menos a parte que eu dominava, os pedaços molhados do começo. Agora é só minha casinha aqui, latitude 47°9’ sul, longitude 126°43’ oeste.

Ou os Antigos. Chamam a gente de “os Antigos” agora. Ou de “os Grandes Antigos”, como se não tivesse diferença alguma entre nós e os caras de barril.

Imprecisão.

Então vim para a Terra, e naqueles tempos ela era muito mais molhada do que agora. Que lugar maravilhoso, com mares deliciosos como sopa, e eu me dava muito bem com as pessoas. Dagon e os meninos (agora no sentido literal). Vivíamos todos na água naquela época distante, e *vapt-vupt-Cthulhu-fthagn*, botei-os para construir e escravizar e cozinhar. E serem cozidos, claro.

Aliás, isso me lembra, eu precisava contar um negócio para você. História verídica.

Havia um navio navegando pelos mares. Uma rota no Pacífico. E nesse navio havia um mágico, um conjurador, cuja função era entreter os passageiros. E havia um papagaio no navio.

Sempre que o mágico fazia um truque, o papagaio estragava. Como? Ele explicava como fazer o truque, ora. “Ele enfiou na manga”, gritava o papagaio. Ou “ele fingiu que embaralhou” ou “tem um fundo falso”.

O mágico não gostava.

Finalmente, chegou a hora do maior truque de todos.

O mágico anunciou.

Arregaçou as mangas.

Sacudiu os braços.

Bem nesse instante, o navio pulou e adernou.

R’lyeh, submersa, havia irrompido por baixo deles. Hordas de servos meus, homens-peixes repugnantes, pularam pelas amuradas, capturaram os passageiros e a tripulação e os arrastaram para as ondas. R’lyeh mergulhou nas profundezas de novo, para aguardar o momento em que o pavor de Cthulhu voltaria a se erguer e reinar.

Sozinho, acima das águas pútridas, o mágico — ignorado pelas minhas bestinhas batráquias, que pagaram caro por isso — boiava, agarrado a um mastro, solitário. E então, bem no alto, ele viu um pequeno vulto verde. Esse vulto desceu e desceu, até pousar em um pedaço de madeira que flutuava por perto, e o mágico viu que era o papagaio.

O papagaio inclinou a cabeça de lado e olhou para o mágico.

— Tudo bem — diz a ave —, eu desisto. Como foi que você fez esse?

Claro que é uma história verdadeira, Whateley.

Por acaso Cthulhu das Sombras, que deslizou para fora de estrelas escuras quando seus pesadelos mais assustadores ainda sugavam as pseudomamas das mães, que aguarda o momento certo da existência das estrelas para emergir de seu palácio-túmulo, reviver os fiéis e retomar sua dominação, que espera para voltar a ensinar os elevados e libidinosos prazeres da morte e da celebração, mentiria para você?

Claro que sim.

Cale a boca, Whateley, estou falando. Não quero saber onde você já ouviu essa antes.

A gente se divertia naqueles tempos. Carnificina e destruição, sacrifício e danação, icor e gosma e eflúvios, e jogos vis e inomináveis. Comida e diversão. Foi uma grande festa, e todo mundo adorava, exceto quem acabava sendo empalado em estacas de madeira entre um pedaço de queijo e um de abacaxi.

Ah, os gigantes que havia na terra naqueles tempos.

Não tinha como durar para sempre.

Chegaram dos céus, com asas finas e regras e normas e rotinas e Dho-Hna sabe quantos formulários para preencher em cinco vias. Uns burrocratas simplórios, todos eles. Dava para ver logo de cara: cabeça de cinco pontas — qualquer um que você olhasse tinha cinco pontas, braços, sei lá, na cabeça (que, inclusive, sempre ficava no mesmo lugar). Nenhum deles tinha imaginação para gerar três ou seis braços, ou cem ou duzentos. Cinco, sempre.

Sem ofensa.

A gente não se deu bem.

Eles não gostaram da minha festa.

Bateram nas paredes (metaforicamente). Nós ignoramos. Aí eles partiram para a ignorância.

Discutiram. Aporrinharam. Brigaram.

Tudo bem, falamos, se vocês querem o mar, podem ficar. Arrebentem a boca do barril. Fomos para a terra — era bem pantanosa na época — e construímos estruturas monolíticas colossais que deixavam montanhas no chinelo.

Sabe o que matou os dinossauros, Whateley? A gente. Em *um* churrasco.

Mas aqueles estraga-prazeres de cabeça pontuda não se deram por satisfeitos. Tentaram chegar o planeta mais para perto do Sol — ou era mais para longe? Nunca chegamos a perguntar. Quando vi, já estávamos debaixo do mar de novo.

Só rindo.

A cidade dos Antigos levou um sacode. Eles detestavam secura e frio, e as criaturas deles também. Aí, de repente, foram parar na Antártida, seca feito osso e fria feito as planícies da triplamente maldita Leng.

E por hoje é só, Whateley. Lição encerrada.

E pode fazer o favor de mandar alguém alimentar o danado daquele shoggoth?

III.

(Os professores Armitage e Wilmarth estão convencidos de que faltam ao menos três folhas do manuscrito até este ponto, citando a extensão do trecho. Concordo.)

As estrelas mudaram, Whateley.

Imagine seu corpo arrancado de sua cabeça, de modo que você não passe de um amontoado de carne em uma placa gelada de mármore, piscando e sufocando. A sensação foi essa. A festa tinha acabado.

Isso matou a gente.

Então esperamos aqui embaixo. Pavoroso, hein?

De forma alguma. Não dou inominavelmente a mínima. Posso esperar.

Fico aqui, em meio à morte e aos sonhos, vendo os impérios de formiga da humanidade se erguerem e tombarem, poderosos e arruinados.

Um dia — talvez seja amanhã, talvez em mais amanhã do que sua frágil mente é capaz de compreender —, as estrelas se encontrem na conjunção correta no firmamento, e o momento de destruição se abaterá sobre nós: eu me erguerei das profundezas e voltarei a exercer meu domínio sobre o mundo.

Fúria e folia, sangue e sordidez, crepúsculo e tormento eternos e os gritos dos mortos e não mortos e os cânticos dos fiéis.

E depois?

Deixarei este plano, quando o mundo for uma esfera carbonizada e fria na órbita de um sol sem luz. Voltarei ao meu próprio lugar, onde o sangue goteja noite após noite da superfície de uma lua que se avoluma como o olho de um navegante afogado, e estivarei.

E depois copularei, e no fim sentirei uma trepidação dentro de mim, e sentirei meu pequeno devorando-me a caminho da luz.

Hum.

Está anotando tudo, Whateley? Ótimo.

Bom, é só isso. Fim. Narrativa concluída.

Adivinha o que vamos fazer agora? Isso mesmo.

Vamos alimentar o shoggoth.

NICOLAU ERA...

1989



MAIS VELHO QUE O PECADO, e barba mais branca, impossível. Ele queria morrer.

As criaturas diminutas nativas das cavernas do Ártico não falavam o idioma dele, mas conversavam em sua própria língua pipiante e realizavam rituais incompreensíveis quando não estavam trabalhando nas fábricas.

Uma vez por ano, todo ano, ele era obrigado, sob lágrimas e protestos, a embarcar na Noite sem Fim. Durante a viagem, ele parava ao lado de todas as crianças do mundo e deixava um dos presentes invisíveis dos anões na cabeceira delas. As crianças continuavam dormindo, paralisadas no tempo.

Ele tinha inveja de Prometeu e Loki, Sísifo e Judas. Seu castigo era pior.

Ho.

Ho.

Ho.

PEQUENINOS

1990



ALGUNS ANOS ATRÁS, todos os animais sumiram.

Acordamos um dia, e não havia mais nenhum.

Eles não deixaram recado, não se despediram. Nunca chegamos a descobrir aonde exatamente tinham ido.

Sentimos a falta deles.

Alguns de nós acharam que o mundo havia acabado, mas não foi isso. Só não existia mais nenhum animal. Nenhum gato ou coelho, cachorro ou baleia, nenhum peixe no mar, nenhum pássaro no céu.

Estávamos sozinhos.

Não sabíamos o que fazer.

Passamos um tempo perambulando a esmo, perdidos, até que alguém comentou que não havia motivo para mudarmos nossa vida só porque não tínhamos mais nenhum animal. Não havia motivo para mudarmos nossa alimentação ou pararmos de testar produtos que poderiam nos prejudicar.

Afinal, ainda existiam bebês.

Bebês não falam. Mal se mexem. Bebês não são criaturas pensantes e racionais.

Fizemos bebês.

E os usamos.

Alguns, nós comemos. Carne de bebê é macia e succulenta.

Esfolamos a pele e nos enfeitamos com ela. Couro de bebê é macio e confortável.

Alguns, nós usamos para testes.

Colamos as pálpebras deles para manter os olhos abertos e pingamos detergentes e xampus, uma gota de cada vez.

Rasgamos e escaldamos. Queimamos. Prendemos grampos neles e inserimos eletrodos no cérebro. Enxertamos, congelamos, irradiamos.

Os bebês aspiraram nossa fumaça, e as veias dos bebês transportaram nossas medicações e drogas, até eles pararem de respirar ou seu sangue parar de correr.

Foi difícil, claro, mas necessário. Era inegável.
Sem os animais, o que mais podíamos fazer?
Algumas pessoas reclamaram, claro. Mas sempre tem quem reclame. E tudo voltou ao normal.
Só que...
Ontem, todos os bebês sumiram.
Não sabemos para onde eles foram. Nem vimos quando foram embora.
Não sabemos o que vamos fazer sem eles.
Mas vamos pensar em alguma coisa. Os seres humanos são espertos. É por isso que somos superiores aos animais e aos bebês.
Vamos bolar alguma coisa.

CAVALARIA

1992



A SRA. WHITAKER ACHOU o Cálice Sagrado; estava embaixo de um casaco de pele. Toda quinta à tarde a sra. Whitaker ia até a agência do correio para sacar a aposentadoria, embora suas pernas já não fossem mais as mesmas, e na volta ela parava na Oxfam Shop e comprava alguma besteirinha.

A Oxfam Shop vendia roupas antigas, quinquilharias, bugigangas e variedades, além de grandes quantidades de livros velhos, tudo doação: detritos de segunda mão, geralmente saldão de gente falecida. Todos os lucros iam para instituições de caridade.

A loja era mantida por voluntários. A voluntária no balcão naquela tarde era Marie, dezessete anos, ligeiramente acima do peso, vestida com um macacão lilás folgado que parecia ter sido comprado ali na loja mesmo.

Marie estava sentada ao lado do caixa com um exemplar da revista *Modern Woman*, preenchendo um teste que dizia: “Revele sua personalidade secreta.” De vez em quando, ela pulava para o final da revista e consultava a pontuação respectiva das opções A, B ou C antes de decidir sua resposta.

A sra. Whitaker circulou pela loja.

Percebeu que a cobra empalhada ainda não tinha sido vendida. Já fazia seis meses que estava ali, juntando poeira, fitando com olhos vítreos rancorosos as araras de roupas e o armário cheio de porcelanas lascadas e brinquedos mastigados.

A sra. Whitaker afagou a cabeça dela e continuou andando.

Pegou alguns romances açucarados em uma estante — *Trovões da alma e Turbulências do coração*, um xelim cada — e avaliou cuidadosamente a garrafa vazia de Mateus Rosé com uma cúpula de abajur decorativa até decidir que não tinha onde colocar aquilo.

Seguiu para um casaco de pele um tanto quanto puído, que tinha um cheiro bem forte de naftalina. Embaixo dele havia uma bengala e um exemplar manchado de *História e lenda da cavalaria*, de A. R. Hope Moncrieff, a cinco pence.

Perto do livro, caído de lado, estava o Cálice Sagrado. Tinha um adesivinho redondo colado na base, e, escrito com um marcador, o preço: trinta pence.

A sra. Whitaker pegou o cálice de prata sujo e o examinou através das lentes grossas dos óculos.

— Isso aqui é bonito — disse para Marie.

Marie deu de ombros.

— Ficaria bonito em cima da lareira — comentou a sra. Whitaker.

Marie deu de ombros de novo.

A mulher deu cinquenta pence para a voluntária, que lhe devolveu dez de troco e entregou uma sacola de papel pardo para que guardasse os livros e o Cálice Sagrado. Depois a sra. Whitaker foi ao açougue ao lado da loja e comprou um belo pedaço de fígado. Depois foi para casa.

O interior do cálice estava coberto por uma camada grossa de poeira marrom-avermelhada. A sra. Whitaker o lavou com muito cuidado e o deixou de molho por uma hora em água morna com umas gotinhas de vinagre. Depois, passou um polidor de metais até deixá-lo brilhando e o colocou na cornija da lareira na saleta de visitas, entre um bassezinho de porcelana de olhos tristes e uma foto de Henry, seu falecido marido, na praia de Frinton em 1953.

Ela estava certa: ficou bonito.

À noite, jantou o fígado acebolado e empanado com farinha de rosca. Estava muito gostoso.

O dia seguinte era sexta; às sextas-feiras, a sra. Whitaker e a sra. Greenberg se alternavam visitando uma à outra. Aquela manhã era a vez de a sra. Greenberg visitar a sra. Whitaker. Elas estavam na saleta e comiam macarons e tomavam chá. A sra. Whitaker tomava o seu com um cubo de açúcar, mas a sra. Greenberg usava adoçante, que sempre levava na bolsa dentro de uma caixinha de plástico.

— Que bonito — disse a sra. Greenberg, apontando para o Cálice. — O que é?

— É o Cálice Sagrado — respondeu a sra. Whitaker. — É a taça de que Jesus bebeu na Última Ceia. Depois, na crucificação, foi nesse cálice que recolheram Seu precioso sangue quando o centurião O atingiu com a lança.

A sra. Greenberg fungou. Era uma judia miúda e não gostava de coisas pouco higiênicas.

— Não sei, não — respondeu ela —, mas é muito bonito. Nosso Myron ganhou um igualzinho quando venceu o campeonato de natação, só que tinha o nome dele embaixo.

— Ele ainda está com aquela mocinha simpática? A cabeleireira?

— Bernice? Ah, sim. Estão pensando em noivar — respondeu a sra. Greenberg.

— Que bom — disse a sra. Whitaker.

Ela pegou outro macaroon. A sra. Greenberg fazia seus próprios macaroons e os levava nas visitas de sexta: pequenos bolinhos doces marrom-claros com amêndoas em cima.

Elas conversaram sobre Myron e Bernice, e sobre Ronald, o sobrinho da sra. Whitaker (que não tinha filhos), e sobre a sra. Perkins, amiga delas, que estava no hospital por causa do quadril, coitada.

Ao meio-dia, a sra. Greenberg foi para casa, e a sra. Whitaker preparou torradas com queijo para o almoço, e após o almoço a sra. Whitaker tomou seus remédios; o branco, o vermelho e os dois laranjinha.

A campanha tocou.

A sra. Whitaker atendeu. Era um rapaz com cabelo comprido até o ombro e quase branco de tão claro, trajando uma armadura prateada reluzente e uma túnica branca.

— Olá — disse o rapaz.

— Oi — respondeu a sra. Whitaker.

— Estou em uma missão — anunciou ele.

— Que bom — respondeu a sra. Whitaker, diplomaticamente.

— Posso entrar? — perguntou o rapaz.

A sra. Whitaker balançou a cabeça.

— Sinto muito, acho melhor não.

— Estou em uma missão em busca do Cálice Sagrado — disse o rapaz. — Ele está aqui?

— Você tem algum documento de identidade?

A sra. Whitaker era uma idosa que morava sozinha e sabia que não era sensato deixar desconhecidos entrarem em sua casa sem se identificarem. Bolsas são esvaziadas e coisa pior acontece.

O rapaz voltou pela trilha do jardim. Seu cavalo, um corcel cinzento imenso, grande como um *shire*, de cabeça altiva e olhos inteligentes, estava amarrado no portão da sra. Whitaker. O cavaleiro mexeu no alforje e voltou com um pergaminho.

Estava assinado por Artur, Rei de Todos os Bretões, e atestava a indivíduos de qualquer posto ou função que ali estava Galaad, Cavaleiro da Távola Redonda, e que ele estava encarregado de uma Excelsa e Nobre Missão. Havia um desenho do rapaz embaixo. Não era uma representação ruim.

A sra. Whitaker meneou a cabeça. Pensou que veria um cartãozinho com foto, mas aquilo era muito mais impressionante.

— Acho que é melhor você entrar — disse a mulher.

Eles foram para a cozinha. A sra. Whitaker preparou uma xícara de chá para Galaad e, em seguida, levou o jovem até a saleta de visitas.

Galaad viu o Cálice acima da lareira e se ajoelhou de pronto. Colocou cuidadosamente a xícara no carpete marrom. Um raio de luz entrou pelas cortinas de chiffon e cobriu o rosto maravilhado dele com o brilho dourado do sol, transformando seu cabelo em uma auréola prateada.

— É realmente o Santo Graal — disse ele em uma voz bem baixa.

Piscou três vezes os olhos azul-claros, muito rápido, como se estivesse tentando conter as lágrimas.

Baixou a cabeça, como se em uma prece silenciosa.

Então se levantou de novo e se virou para a sra. Whitaker.

— Nobre senhora, detentora do Santo entre os Santos, permita-me retirar-me deste sítio com o Cálice Abençoado, para que minhas peregrinações possam se encerrar e minha fortuna, ser alcançada.

— Como? — disse a sra. Whitaker.

Galaad aproximou-se dela e segurou suas mãos.

— Minha missão acabou — declarou ele. — O Santo Graal finalmente se encontra ao meu alcance.

A sra. Whitaker franziu a testa.

— Pode tirar a xícara e o pires do chão, por favor? — pediu ela.

Galaad pegou a xícara, constrangido.

— Não, acho que não — continuou a sra. Whitaker. — Eu gosto dele ali, entre o cachorrinho e a foto do meu Henry. Combina.

— É ouro que a senhora quer? É isso? Eu posso lhe dar ouro...

— Não — respondeu a sra. Whitaker. — Não quero ouro nenhum, *muito obrigada*. Só não tenho interesse em me desfazer do Cálice.

Ela conduziu Galaad até a porta e disse:

— Foi um prazer conhecê-lo.

O cavalo dele estava com a cabeça inclinada sobre a cerca do jardim, mordiscando os gladiolos. Algumas crianças da vizinhança, na calçada, observavam o animal.

Galaad pegou uns torrões de açúcar no alforje e ensinou as crianças mais corajosas a alimentar o cavalo com as mãos abertas estendidas.

As crianças riram. Uma das meninas mais velhas acariciou o focinho do animal.

Galaad montou com um único movimento fluido. Em seguida, cavalo e cavaleiro foram embora a trote pela Hawthorne Crescent.

A sra. Whitaker ficou observando até eles sumirem de vista, depois deu um suspiro e voltou para dentro.

O fim de semana foi sossegado.

No sábado, ela pegou o ônibus para visitar Ronald, seu sobrinho, Euphonia, a esposa dele, e Clarissa e Dillian, as filhas, em Maresfield. Levou um bolo de groselha feito em casa.

No domingo de manhã, a sra. Whitaker foi à igreja. A igreja do bairro dela era a de Santiago Menor, que parecia um pouco “Não nos veja como uma igreja, e sim como um lugar onde amigos de mentalidade semelhante se encontram e celebram com alegria” demais para o gosto da sra. Whitaker, mas ela ia com a cara do vigário, o reverendo Bartholomew, quando ele não estava tocando violão.

Após o culto, ela pensou em comentar com ele que o Cálice Sagrado estava em sua sala de visitas, mas mudou de ideia. Na segunda de manhã, a sra. Whitaker estava cuidando das plantas do quintal. Tinha muito orgulho de sua hortinha de ervas: endro, verbena, hortelã, alecrim, tomilho e uma floresta de salsinha. Estava ajoelhada, com grossas luvas verdes de jardinagem, arrancando ervas daninhas, catando lesmas e colocando-as em um saco plástico. A sra. Whitaker tinha um coração muito mole em relação a lesmas.

Ela as levava até o fundo do jardim, que beirava uma ferrovia, e as jogava por cima da cerca.

A sra. Whitaker cortou um pouco de salsinha para a salada. Escutou alguém tossir atrás dela. Era Galaad, alto e belo, com a armadura brilhando ao sol. Ele trazia nos braços um embrulho comprido, enrolado com couro oleado.

— Voltei — anunciou ele.

— Oi — disse a sra. Whitaker. Ela se levantou, sem pressa, e tirou as luvas de jardinagem. — Bom, já que está aqui, bem que poderia ajudar.

A senhora entregou o saco plástico cheio de lesmas e mandou que ele as despejasse por cima da cerca.

Ele obedeceu.

Em seguida, foram para a cozinha.

— Chá? Ou limonada? — perguntou ela.

— O mesmo que a senhora for tomar — respondeu Galaad.

A sra. Whitaker tirou da geladeira uma jarra de sua limonada caseira e pediu para Galaad buscar um ramo de hortelã lá fora. Ela escolheu dois copos altos. Lavou cuidadosamente a hortelã, pôs algumas folhas em cada copo e então serviu a limonada.

- Seu cavalo está lá fora? — perguntou.
— Ah, sim. O nome dele é Grizzel.
— E você deve ter vindo de longe, imagino.
— De muito longe.
— Entendi — disse a sra. Whitaker.

Ela pegou uma pequena bacia azul de plástico embaixo da pia e encheu até a metade com água. Galaad a levou para Grizzel, esperou o cavalo terminar de beber e trouxe a bacia vazia de volta para a sra. Whitaker.

— Bem — disse ela —, imagino que você ainda queira o Cálice.

— Sim, ainda quero o Santo Graal — confirmou Galaad. Ele pegou o embrulho de couro no chão, colocou em cima da mesa e o abriu. — Em troca, ofereço isto.

Era uma espada, com mais de um metro de lâmina, na qual se encontravam entalhadas palavras e símbolos elegantes. O cabo era moldado com prata e ouro, e o pomo continha uma grande gema.

— É muito bonita — disse a sra. Whitaker, hesitante.

— Esta — começou Galaad — é a espada Balmung, forjada por Wayland, o Ferreiro, na alvorada das eras. Sua irmã é Flamberge. Quem a portar será indestrutível em guerras e invencível em batalhas. Quem a portar será incapaz de atos covardes ou ignóbeis. Seu pomo abriga a sardônia Bircone, que protege seu proprietário contra venenos despejados em vinho ou cerveja e contra a traição de amigos.

A sra. Whitaker observou a espada.

— Deve ser muito afiada — comentou ela, depois de um tempo.

— É capaz de cortar um fio de cabelo no ar. E mais, seria capaz de cortar um raio de sol — disse Galaad, com orgulho.

— Bom, então é melhor você guardá-la — disse a sra. Whitaker.

— A senhora não quer? — Galaad parecia decepcionado.

— Não, obrigada — respondeu a sra. Whitaker.

Ocorreu à mulher que Henry, seu falecido marido, teria gostado bastante da espada. Ele a teria pendurado na parede do escritório, ao lado da carpa empalhada que pescara na Escócia, e a mostraria para as visitas.

Galaad voltou a embrulhar a espada Balmung com o couro oleado e amarrou com um barbante branco.

Então se sentou, desolado.

A sra. Whitaker preparou uns sanduíches de pepino com requeijão para a viagem de volta e os embrulhou em papel-manteiga. Deu uma maçã para Grizzel. Galaad pareceu muito contente com os dois presentes.

Ela deu tchau para os dois.

À tarde, foi de ônibus até o hospital para visitar a sra. Perkins, que ainda estava internada por causa do quadril, coitada. A sra. Whitaker levou um pedaço de bolo de frutas caseiro, mas deixou as amêndoas de fora da receita, porque os dentes da sra. Perkins não eram mais os mesmos.

Ela assistiu a um pouco de televisão à noite e foi dormir cedo.

Na terça, o carteiro veio. A sra. Whitaker estava no quatinho de depósito, no sótão, fazendo uma faxina, e, andando devagar e com passos cuidadosos, não conseguiu descer a tempo de atendê-lo. O carteiro deixou um bilhete avisando que tentara entregar um pacote, mas não havia ninguém em casa.

A sra. Whitaker suspirou.

Guardou o bilhete na bolsa e foi até a agência do correio.

O pacote era de Shirelle, sua sobrinha, que morava em Sydney, na Austrália. Continha fotos do marido, Wallace, e das filhas, Dixie e Violet, além de uma concha de caramujo embrulhada em bolinhas de algodão.

A sra. Whitaker tinha algumas conchas decorativas no quarto. Sua preferida era pintada com a paisagem das Bahamas. Tinha sido presente de Ethel, sua irmã, falecida em 1983.

Ela pôs a concha nova e as fotos em sua sacola de compras. Depois, aproveitando que já estava por perto, passou na Oxfam Shop no caminho de volta para casa.

— Oi, dona W! — cumprimentou Marie.

A sra. Whitaker olhou para a moça. Marie estava de batom (talvez não fosse a cor mais adequada para ela, e não estava muito bem aplicado, mas isso se resolveria com o tempo, pensou a sra. Whitaker) e com uma saia bem elegante. Era um grande avanço.

— Ah. Oi, querida.

— Um cara passou aqui semana passada perguntando daquele negócio que você comprou. Aquela tacinha de metal. Falei onde você morava. A senhora não se importa, né?

— Não, querida — respondeu a sra. Whitaker. — Ele foi me ver.

— Ele era um gatinho. Muito, muito gatinho — disse Marie, com um suspiro sonhador. — Ele podia me levar fácil. Tinha um cavalo branco grandão e tudo.

Ela também estava com uma postura melhor, reparou a sra. Whitaker, satisfeita.

Na estante, a mulher viu um livro novo — *Majestosa paixão* —, embora ainda não tivesse terminado os dois comprados na visita anterior.

Ela pegou o exemplar de *História e lenda da cavalaria* e abriu. Tinha cheiro de bolor. No alto da folha de rosto dizia EX LIBRIS FISHER em tinta vermelha com uma caligrafia meticulosa.

Ela colocou o livro de volta no lugar.

Ao chegar em casa, Galaad a aguardava. Estava deixando as crianças da vizinhança passearem pela rua no lombo de Grizzel.

— Que bom que você está aqui — comentou ela. — Preciso mudar umas caixas de lugar.

Ela mostrou o quartinho de depósito da casa. Galaad tirou todas as malas antigas do caminho, de modo que a sra. Whitaker pudesse alcançar o armário no fundo.

Tinha muita poeira ali em cima.

Ela ficou com Galaad ali no sótão a maior parte da tarde, botando-o para arrastar coisas enquanto ela limpava.

Galaad tinha um corte na bochecha, e um dos braços estava um pouco sensível.

Os dois jogaram conversa fora enquanto ela espanava e arrumava. A sra. Whitaker falou de Henry, seu falecido marido; do seguro de vida que quitara a casa; do fato de que ela possuía tudo aquilo, mas ninguém para herdar, ninguém além de Ronald, na verdade, e que a mulher dele só gostava de coisas modernas. Ela falou que conhecera Henry durante a guerra, quando ele era fiscal da divisão de precauções contra bombardeios aéreos e ela não havia fechado completamente as cortinas blecaute da cozinha; contou dos bailinhos que eles frequentavam na cidade; e que eles foram a Londres depois do fim da guerra, onde ela experimentara vinho pela primeira vez.

Galaad contou para a sra. Whitaker sobre Elaine, sua mãe, que era inconstante e promíscua, e ainda por cima meio bruxa; sobre o avô, o rei Pelles, que tinha boas intenções, mas era na melhor das hipóteses meio desligado; sobre sua juventude no Castelo de Bliant da Ilha Alegre; sobre o pai, que ele conhecia como “Le Chevalier Mal Fet”, que era basicamente louco de pedra, e que na realidade era Lancelot Du Lac, o maior dos cavaleiros, disfarçado e desprovido de raciocínio; sobre os tempos de Galaad como jovem escudeiro em Camelot.

Às cinco da tarde, a sra. Whitaker examinou o quartinho e concluiu que estava aceitável; abriu então a janela para arejar um pouco, e os dois desceram para a cozinha, onde ela pôs a chaleira no fogo.

Galaad se sentou à mesa.

Ele abriu a bolsa de couro que trazia na cintura e tirou uma pedra branca redonda. Tinha mais ou menos o tamanho de uma bola de críquete.

— Senhora — disse ele —, isto é seu, em troca do Santo Graal.

A sra. Whitaker pegou a pedra, que era mais pesada do que parecia, e a ergueu para dar uma olhada. Tinha um aspecto leitoso translúcido, e bem no interior flocos de prata cintilavam à luz do fim da tarde. Era morna ao toque.

De repente, enquanto ela a segurava, uma sensação estranha tomou seu corpo. Ela sentiu, bem no fundo, uma imobilidade e uma espécie de paz. *Serenidade*, era essa a palavra; ela se sentiu serena.

Com relutância, pôs a pedra de volta na mesa.

— É muito bonita — disse.

— Esta é a Pedra Filosofal, que nosso antepassado Noé pendurou na Arca para gerar luz quando não houvesse luz alguma; ela pode transformar metais básicos em ouro e tem algumas outras propriedades — revelou Galaad, com orgulho. — E não é só isso. Tem mais. Aqui.

Da bolsa de couro, ele tirou um ovo e entregou a ela. Era do tamanho de um ovo de ganso, preto e lustroso, sarapintado de vermelho e branco. Quando a sra. Whitaker encostou nele, sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Sua impressão imediata foi de calor e liberdade incríveis. Ela escutou o som distante de fogo crepitando e, por uma fração de segundo, teve a sensação de voar muito acima do mundo, planando e mergulhando com asas flamejantes.

Ela pôs o ovo na mesa, ao lado da Pedra Filosofal.

— Este é o Ovo da Fênix — disse Galaad. — Sua origem é a distante Arábia. Um dia, ele chocará e a própria Ave Fênix nascerá; quando for a hora, a ave preparará um ninho de chamas, porá um ovo e morrerá, para renascer nas chamas em outra era do mundo.

— Imaginei que fosse isso mesmo — disse a sra. Whitaker.

— E, por último, senhora — disse Galaad —, eu lhe trouxe isto.

Ele enfiou a mão na bolsa e estendeu algo para ela. Era uma maçã, aparentemente esculpida a partir de um único rubi, com um talo de âmbar.

Um pouco nervosa, ela pegou. Era surpreendentemente macia: seus dedos a amassaram, e um sumo cor de rubi escorreu da maçã pela mão da sra. Whitaker.

A cozinha se impregnou — de forma quase imperceptível, mágica — com o cheiro de frutas estivais, framboesas e pêssegos e morangos e groselhas. Como se vindas de muito longe, ela escutou vozes distantes se elevando em canto e melodia no ar.

— É uma das maçãs das Hespérides — explicou Galaad, em voz baixa. — Uma mordida cura qualquer doença ou ferida, por mais profunda que seja; uma segunda mordida restaura a juventude e a beleza; uma terceira, dizem, confere vida eterna.

A sra. Whitaker lambeu o sumo pegajoso da mão. Tinha gosto de um bom vinho.

E houve então um momento em que ela se lembrou de tudo — de como era ser jovem: ter um corpo firme e esbelto que fazia o que ela quisesse; correr por uma estrada de terra apenas pelo prazer indigno de correr; ser alvo do sorriso de homens só por ser ela mesma e se sentir feliz com isso.

A sra. Whitaker olhou para Sir Galaad, o mais formoso dos cavaleiros, belo e nobre, sentado naquela pequena cozinha.

Ela prendeu a respiração.

— E foi isso que eu trouxe para a senhora — disse Galaad. — Não foi fácil obter esses prêmios.

A sra. Whitaker pôs a fruta rubi na mesa. Olhou para a Pedra Filosofal, e para o Ovo da Fênix, e para a Maçã da Vida.

Em seguida, foi para a saleta de visitas e olhou para a cornija da lareira: um pequeno bassê de porcelana, e o Cálice Sagrado, e a foto em preto e branco de Henry, seu falecido marido, sem camisa, sorridente, tomando um sorvete, a quase quarenta anos de distância.

Ela voltou para a cozinha. A chaleira tinha começado a apitar. Ela despejou um pouco de água fervente no bule, girou e jogou fora. Depois, pôs duas colheres cheias de chá e mais um pouquinho no bule e despejou o restante da água. Fez tudo isso em silêncio.

Por fim, virou-se para Galaad.

— Guarde a maçã — ordenou ela, com firmeza. — Você não deveria oferecer essas coisas para senhoras de idade. Não é correto.

Um instante de silêncio.

— Mas vou aceitar os outros dois — continuou ela, depois de pensar um pouco. — Vão ficar bonitos em cima da minha lareira. E se dois por um não é uma troca justa, não sei o que mais seria.

Galaad abriu um grande sorriso. Guardou a maçã rubi na bolsa de couro. Em seguida, ajoelhou-se e beijou a mão da sra. Whitaker.

— Pare com isso — disse ela, e serviu duas xícaras de chá para eles, depois de pegar suas peças da porcelana mais fina, que só eram usadas em ocasiões especiais.

Eles ficaram bebendo o chá em silêncio, sentados.

Quando terminaram, foram para a saleta. Galaad fez o sinal da cruz e pegou o Cálice.

A sra. Whitaker colocou o Ovo e a Pedra no lugar do Cálice. O Ovo ficou tombando de lado, então ela o apoiou no cachorrinho de porcelana.

— Ficaram mesmo muito bonitos aí — disse a sra. Whitaker.

— É — concordou Galaad. — Ficaram muito bonitos.

— Posso lhe dar algo para comer antes de você ir embora? — perguntou ela.

Ele fez que não.

— Um pedacinho de bolo de frutas — disse ela. — Você pode achar agora que não quer, mas daqui a algumas horas vai ficar feliz por ter aceitado. E talvez seja bom usar o toalete. Agora, me dê isso aqui, que vou embrulhar para você.

Ela indicou o banheirinho no fim do corredor e foi para a cozinha, com o Cálice na mão. Tinha um pouco de papel de presente na despensa, sobras do último Natal, e o usou para embrulhar o Cálice, amarrando o pacote com um barbante. Depois, cortou um pedaço grande de bolo de frutas e colocou em um saco de papel pardo, com uma banana e uma fatia de queijo em papel-alumínio.

Galaad voltou do banheiro. Ela lhe entregou o saco de papel e o Cálice Sagrado. Em seguida, ficou na ponta dos pés e deu um beijo no rosto dele.

— Você é um menino bonzinho — disse ela. — Cuide-se.

Ele a abraçou, e ela o mandou sair pelos fundos, fechando a porta depois que o cavaleiro foi embora. Serviu outra xícara de chá para si e chorou baixinho em um lenço de papel, enquanto o som de cascos ecoava pela Hawthorne Crescent.

Na quarta-feira, a sra. Whitaker ficou em casa o dia todo.

Na quinta, foi à agência do correio para sacar a aposentadoria. Depois, passou na Oxfam Shop.

Ela não conhecia a mulher que estava no caixa.

— Cadê a Marie? — perguntou a sra. Whitaker.

A mulher no caixa, que tinha cabelo branco-azulado e óculos de gatinho com strass nas pontas, balançou a cabeça e deu de ombros.

— Ela foi embora com um rapaz — respondeu. — A cavalo. Tsc. Francamente. Era para eu estar na loja de Heathfield hoje à tarde. Tive que pedir para o meu Johnny me trazer para cá correndo, até a gente achar outra pessoa.

— Ah — disse a sra. Whitaker. — Bom, que bacana que ela achou um rapaz.

— Para ela, talvez — disse a mulher do caixa. — Mas tem gente que era para estar em Heathfield hoje.

Em uma prateleira perto dos fundos da loja, a sra. Whitaker achou um recipiente velho de prata manchada com um bico comprido. Custava sessen-

ta pence, segundo o papelzinho colado na lateral. Lembrava um pouco uma chaleira achatada e esticada.

Ela pegou um romance que ainda não tinha lido. O título era *Amor singular*. A sra. Whitaker levou o livro e o recipiente de prata até a mulher do caixa.

— Sessenta e cinco pence, querida — disse a mulher, pegando o objeto de prata e o observando. — Coisinha engraçada, né? Chegou hoje de manhã. — Tinha uma alça curva elegante e algo escrito em caracteres chineses quadrados gravados na lateral. — Deve ser uma lata de óleo, acho.

— Não é uma lata de óleo, não — disse a sra. Whitaker, que sabia exatamente o que era aquilo. — É uma lâmpada.

Havia um pequeno anel de metal, sem decorações, amarrado com um barbante marrom na alça do objeto.

— Hum — disse a sra. Whitaker —, pensando bem, acho que vou levar só o livro.

Ela pagou os cinco pence pelo romance e guardou a lâmpada de volta no lugar, nos fundos da loja. Afinal, ponderou a sra. Whitaker, no caminho de casa, ela não tinha onde colocar aquilo.

**Coletânea inédita reúne contos e trechos
emblemáticos da obra do autor best-seller de
Deuses americanos e *O oceano no fim do caminho***

Certa vez, ao ser perguntado que tipo de livro escrevia, Neil Gaiman não soube responder. Porque Gaiman nunca escreveu uma coisa só, sempre navegou por inúmeros gêneros e formatos.

Por isso, nessa coletânea você vai encontrar histórias de terror, de humor, de amor, de fantasma, de fantasia e de mistério — tramas que transbordam seres fantásticos, pessoas comuns com poderes esquisitos, pessoas esquisitas com problemas comuns, mundos maravilhosos e terríveis, e o mundo real, que não é tão real quanto você talvez imagine.

Ao todo são 52 textos, organizados por ordem de publicação e escolhidos pelos leitores em uma votação on-line. Alguns deles já foram publicados em antologias como *Coisas frágeis* e *Alerta de risco*, ou em romances como *Deuses americanos*, *Os filhos de Anansi*, *Lugar Nenhum* e *O oceano no fim do caminho*. Outros chegam pela primeira vez ao Brasil.

Com apresentação de Marlon James, autor do aclamado *Breve história de sete assassinatos*, *Neil Gaiman: histórias selecionadas* é ao mesmo tempo uma porta de entrada para a obra de um dos escritores mais versáteis e renomados das últimas décadas e um tesouro literário ao qual leitores novos e antigos retornarão muitas e muitas vezes.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/neil-gaiman-historias-selecionadas/>